



A mulher rural do Vale do Jequitinhonha: cultura, trabalho, ambiente e suas representações em documentários da Associação Tingui

Rural women in the Jequitinhonha Valley: culture, work, environment and their representations in documentaries of the Tingui Association

MEDEIROS, André Aparecido¹; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa²

¹ Universidade de São Paulo, oandre@usp.br; ² Universidade de São Paulo, mpvascon@usp.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Em meios aos problemas ambientais enfrentados no Vale do Jequitinhonha, diferentes mulheres, arrimos de família, encontram formas de viver e atuar na região, mantendo vivos certos ensinamentos de gerações anteriores, em harmonia com o meio ambiente. Considerando tais fatores, este trabalho objetiva analisar práticas culturais, o trabalho e o ambiente das mulheres do Vale do Jequitinhonha representados em dois documentários produzidos pela Associação Tingui. Suas práticas estão alinhadas à agroecologia e às tradições locais, como é possível observar a partir das referências teóricas e do exemplo proporcionado pelos produtos audiovisuais selecionados. As conclusões apontam para a importância dessas mulheres na manutenção dos modos de vida locais, ao mesmo tempo em que são aliadas da biodiversidade e propiciam segurança e soberania alimentar local.

Palavras-chave: gênero; agroecologia; representações sociais; modos de vida; meio ambiente.

Introdução

Inicialmente, cabe destacar que o trabalho dos pequenos agricultores está, muitas vezes, vinculado aos princípios e às práticas da agroecologia, tão bem representada na agricultura familiar. É essencial considerar a agricultura familiar na busca pela erradicação da fome e por mudanças em direção a sistemas agrícolas sustentáveis, de modo que pequenos agricultores são aliados da segurança alimentar e protagonistas dos esforços dos países pela superação da fome (BENÍTEZ, 2014).

A agricultura familiar é a principal fonte de emprego agrícola e rural na América Latina, produzindo a maior parte dos alimentos para consumo doméstico dos países da região, além de constituir um papel fundamental na garantia da sustentabilidade ambiental e conservação da biodiversidade (BENÍTEZ, 2014). Assim, agricultores familiares são os principais atores de um duplo desafio: conservação dos recursos naturais; e segurança alimentar e nutricional (BENÍTEZ, 2014; FAO, 2018).

O trabalho no contexto rural é parte integrante da relação com o ambiente e da sociabilidade. As relações advindas do trabalho agrícola é composta por um



território, pelas pessoas e por laços sociais, constituindo um espaço que não se limita aos fins econômicos, mas abarca a reprodução da vida (cf. LORENZONI; JAHN, 2013). Ao refletir o trabalho rural das mulheres, é preciso ampliar a compreensão da produção da vida no campo, de modo a não se prender à produção e à relação de trabalho, englobando o reconhecimento da citada reprodução da vida (LORENZONI; JAHN, 2013).

A reprodução da vida se relaciona com a subsistência, as relações sociais e culturais, sendo repensada na perspectiva da ecologia no que diz respeito aos sentidos dos modelos de desenvolvimento que se exprimem nos projetos econômicos e que excluem agricultores e agricultoras da lógica da agricultura moderna (HENN, 2013). Em meio à exclusão da categoria, o reconhecimento da mulher é ainda mais limitado, estando sujeito às opressões entre gêneros.

A mulher possui participação efetiva “no processo produtivo, desde o início da construção humana do saber e da prática vinculada à agricultura,” fator que sempre foi determinante na reprodução da vida, garantindo a “continuidade dos seres humanos tanto na produção da alimentação, como na preservação ambiental, na garantia de renda- comercialização” (DIREÇÃO..., 2013, [p.5]). Apesar da importância da participação feminina, diante da organização social capitalista, ela foi secundarizada, sujeita a “uma lógica enviesada pelos valores que orientam as relações de gênero”, uma lógica machista e patriarcal, ao redimensionar a ação dos homens e apagar a ação das mulheres, reduzindo “o reconhecimento social ao trabalho doméstico e não produtivo” (DIREÇÃO..., 2013, [p.5]).

Considerando a citada realidade, esta pesquisa objetiva analisar as práticas culturais, o trabalho e o ambiente das mulheres do Vale do Jequitinhonha representados em dois documentários da Associação Tingui: “A terra, o canto, as mulheres do Jequitinhonha” (2022); “O Fio que sustenta” (2023). Ambos contam com registros das comunidades quilombolas Tocoíós de Minas e Mocó. Busca-se, assim, contribuir para a reflexão sobre a atuação da mulher rural local no campo da agroecologia.

Metodologia

O Vale do Jequitinhonha, também chamado Jequitinhonha (não confundir com o município), é uma das 12 mesorregiões de Minas Gerais. Está localizado no nordeste do estado. É uma das regiões mineiras que mais padecem com danos socioambientais, destacando-se pela baixa quantidade de recursos hídricos. Abrange sensibilidade climática muito alta, em meio a críticos zoneamentos climáticos, o subúmido seco e o semiárido, apresentando poucas chuvas e forte evapotranspiração, sendo uma região com elevada ocorrência de secas e estiagens, e zonas susceptíveis à desertificação (cf. EVANS, 2022).

A cultura tradicional do Vale do Jequitinhonha é essencialmente camponesa, com comunidades constituídas de unidades de agricultura familiar e remanescentes de



quilombos. Com a elevada emigração masculina, a ausência de homens nas comunidades, para vender sua força de trabalho, imprimiu na cultura a atuação das mulheres em áreas de preponderância masculina. As mulheres casadas e com filhos não costumam emigrar, assumindo a responsabilidade no cuidado da lavoura, das criações e da manutenção da família.

Confirmando tal fenômeno, em pesquisa realizada por Silva (1988) acerca das migrações sazonais, a autora nota a permanência da prática da fabricação da cerâmica (atividade essencialmente feminina), aliada à fiação e à tecelagem do algodão, destacando que as mulheres desenvolvem atividades locais, enquanto os homens emigram para outras atividades agrícolas, como o corte de cana e a colheita do café em São Paulo (citada em SILVA, 2013). Como a migração temporária atinge sobremaneira os homens, a região testemunhou o fenômeno das viúvas de maridos vivos, visto que a ausência masculina ocorre durante quase todo o ano (SILVA, 2013).

Em meio a essa realidade, foram produzidos pela Associação Tingui os dois documentários aqui analisados. Localizada no município de Jenipapo de Minas, tal associação, como descrito em Tingui (2021), “atua no desenvolvimento de projetos sócio-culturais e sócio-ambientais visando proporcionar melhoria na qualidade de vida de moradores de comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha em situação de risco social e econômico.” Dentre seus projetos, é possível destacar o *Raízes para Voar*, que permite a apropriação, por parte das comunidades rurais, de ferramentas de comunicação para elaborar narrativas. Resultou em produtos audiovisuais que incluem os dois documentários aqui analisados.

A análise considerará elementos da linguagem audiovisual, mas sobretudo o contexto de produção e as representações proporcionadas acerca do ambiente, do trabalho realizado pelas mulheres e da cultura manifesta.

Resultados e Discussão

A terra, o canto, as mulheres do Jequitinhonha

Foi produzido em 2022, por AJENAI, antigo nome da Associação Tingui. Tem início com uma cartela que descreve as mulheres do Jequitinhonha como “agricultoras, raizeiras e conhecedoras das plantas, parteiras, benzedeiras, quintandeiras, bordadeiras, fiandeiras, tecelãs”, tingideiras, “cantadoras de verso e batuqueiras”, sendo tais adjetivos reforçados por elas em suas apresentações pessoais. Ao longo de seus 30 minutos de duração, o filme apresenta algumas dessas mulheres – com imagens e sons captados com aparelhos celulares, por elas próprias e por integrantes das comunidades – em meio a cantos de roda de verso (feitos com as mulheres dançando, ou enquanto trabalham).

As mulheres explicam que a cultura do verso cantado ou jogado, bem como do batuque, foi ensinada por seus pais ou mães; esteve esquecida por determinado



tempo, tendo sido resgatada. As mulheres são vistas cultivando diversos tipos de vegetais, alimentando galinhas, fazendo produtos com leite, limpando seu local de trabalho. Em dado momento, relatam os danos da falta de chuva sobre a colheita, impossibilitando, frequentemente, o desenvolvimento da plantação. Apesar disso, conseguem obter diferentes produtos, sendo essa, como relatado, a única origem dos alimentos. Além dos produtos alimentícios, também é representado o uso de plantas medicinais e outras ervas, para fazer chá ou para benzer, práticas também aprendidas com suas famílias.

Há um destaque para a produção de tecido a partir do algodão, incluindo o preparo dos fios e seu tingimento. As mulheres também foram representadas retirando barro da terra, enquanto explicam ou demonstram seu uso, tanto para produzir tinta para o algodão, como para passar no forno ou fornalha, práticas que, como realçam, também foram aprendidas com seus familiares. Outras, por sua vez, extraem a tinta da casca de determinadas árvores, como a aroeira ou o murici. Algumas mulheres abordaram o cultivo do algodão, explicando que preparam a terra, fazem o plantio da semente, realizam a colheita em pequena quantidade, colhem, limpam e iniciam as etapas para preparar o algodão para fiar. São também registradas fiando e tecendo.

Por fim, as mulheres contam lembranças de seu passado, relacionadas a diferentes tarefas e momentos vividos com suas famílias.

O Fio que sustenta

Concebido pelas Tecelãs de Tocoíós e gravado com seus celulares, este documentário reforça o papel da cultura do algodão na vida das mulheres retratadas. É fruto das oficinas de comunicação realizadas pela Associação Tingui junto ao grupo Tecelãs de Tocoíós e consequência de um trabalho de mais de um ano realizado por Jaq, Dinha e Munda (Jaquielly Gomes, Maria Geralda Leite Ribeiro Vieira, e Maria Raimunda Esteves Santos), enquanto visitavam e recolhiam depoimentos das mulheres do grupo Tecelãs de Tocoíós e das antigas fiandeiras e tecelãs das comunidades quilombolas Tocoíós de Minas e Mocó.

As mulheres relembram quando, junto com suas mães (ou filhas e filhos), faziam – a partir do algodão que plantavam e colhiam – as roupas de vestir e os panos de casa. Como evidenciam, as atividades artesanais relacionadas ao algodão surgem paralelas às atividades da agricultura, sendo aprendidas já na infância ou pré-adolescência; com as mulheres mais velhas, as meninas aprendiam a limpar o algodão, descaroçar, bater, fiar, tecer, tingir. As mulheres envolviam seus filhos e filhas em muitas dessas atividades relacionadas ao algodão, incluindo a venda de fios, pavios e roupas na feira, como o caso das saias, das colchas tecidas e das toalhas de mesa. Elas explicam como o algodão faz parte da vida das pessoas desde o nascimento, envolvendo costumes de vestimentas em bebês ou mesmo simpatias.



Falam sobre o tingimento vegetal e explicam algumas de suas técnicas, com novos tingidos a partir de produtos retirados na região, sem prejudicar a natureza, como a casca da mangueira, da aroeira, do tingui e o fruto do jenipapo. Realizam todo o processo, desde a extração do produto (como o caso da casca), até o uso do fixador natural (umbigo de bananeira) após o tingimento.

Como recordam as mulheres, muitas famílias encontravam no algodão o seu sustento, possibilitando a compra de alimentos, quando não podiam cultivá-los. Apesar de reconhecerem as dificuldades do trabalho e do modo de vida duro, envolvendo não apenas o cultivo do algodão, mas também de outros produtos, como mandioca, milho, arroz, cana, além de tarefas como buscar água no rio, e as experiências anteriores à chegada da energia elétrica, transparecem sua saudade e o propósito de perpetuar suas tradições, como o caso do canto. Manifestam o amor pelo trabalho e a satisfação em ver o resultado de seu esforço na forma de uma peça de roupa, conscientes de que participaram de sua formação desde a semente.

Conclusões

Cabe ratificar que, considerando seus modos de vida e de trabalho, as pequenas agricultoras são importantes aliadas da biodiversidade e da segurança e soberania alimentar local. No caso do Vale do Jequitinhonha, analisado por meio dos documentários aqui selecionados, o trabalho da mulher rural ocorre de modo simultâneo a um resgate da cultura local. Os documentários analisados reforçam a importância das práticas das mulheres no que se refere à relação da comunidade com o ambiente e com sua história, proporcionando vínculo territorial e reconhecimento da identidade, permitindo o sustento da família, em harmonia com a natureza.

Frequentemente autodenominadas artesãs ou lavradoras/agricultoras, fazedoras “de tudo um pouco”, as mulheres mantêm viva a cultura transmitida entre gerações, realizando o resgate dos cantos de roda. Nos documentários analisados, elas discorrem sobre as práticas ligadas à terra e ao artesanato, evidenciando a relação do trabalho com seu vínculo com o ambiente, bem como com sua cultura, exercendo ou recordando práticas que fazem parte de sua memória afetiva.

No contexto de produção, é possível destacar que os documentários permitiram que as comunidades rurais se apropriassem das tecnologias midiáticas para a produção dos materiais, de modo que as mulheres puderam falar de si próprias. Os filmes apresentam as atividades cotidianas dessas mulheres, aprendidas por suas predecessoras, enquanto permite a inserção do espectador em uma paisagem regional, rodeada de elementos locais e de sons produzidos pela natureza ou pelo trabalho braçal. Ilustrando a citada relação do trabalho rural com o ambiente e a sociabilidade, tanto em suas lembranças como nas práticas atuais, o trabalho das mulheres é executado em família ou em comunidade, possibilitando a convivência, em meio a momentos de troca e afeto, mantendo viva a cultura local e preservando o meio ambiente.



Agradecimentos

André Aparecido Medeiros é bolsista CNPq no Programa de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública. Processo: 140114/2022-0.

Referências bibliográficas

AJENAI. **A terra, o canto, as mulheres do Jequitinhonha** [Documentário]. AJENAI, 2022. https://www.youtube.com/watch?v=_80wGQAjhF4

BENÍTEZ, Raúl. Prólogo. In: SALCEDO, Salomón; GUZMÁN, Lya. **Agricultura Familiar en América Latina y El Caribe: Recomendaciones de Política**. Santiago, Chile: FAO, 2014. Disponível em: <https://www.fao.org/3/i3788S/i3788S.pdf>

DIREÇÃO Nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA/Brasil). Nota do MPA. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013. [p.5-7].

EVANS, Luciane. Estado apresenta Índice Mineiro de Vulnerabilidade Climática em audiência pública. In: FEAM, Fundação Estadual do Meio Ambiente. **Portal meioambiente.mg**, 26 out. 2022. Disponível em: <http://www.feam.br/banco-de-noticias/2265--estado-apresenta-indice-mineiro-de-vulnerabilidade-climatica-em-audiencia-publica>

FAO, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Dia das Mulheres Rurais - agentes essenciais no desenvolvimento da sociedade. **FAO no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1157560/>

GOMES, JaquIELly et al. **O Fio que sustenta** [Documentário]. Associação dos Artesãos de Francisco Badaró; Fiandeiras e Tecelãs de Tocoíós; Tingui, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9bHS6ydy1s&t=232s>

HENN, Iara Aquino. Agroecologia e relações de gênero em projeto societário. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013. p.65-87.

LORENZONI, Carmen; JAHN, Elisiane de Fátima. Mulheres camponesas do Rio Grande do Sul: identidade, conhecimentos populares e garantia de autonomia na preservação, recuperação e multiplicação de sementes crioulas. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013. p.134-156.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Camponesas, fiandeiras, tecelãs, oleiras. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013. p.163-183.

TINGUI, Associação. Mulheres do Jequitinhonha. In: **Tingui**. Jenipapo de Minas, 2021. Disponível em: <https://www.tingui.org/>